



## DA MINHA JANELA EU VEJO O MUNDO: A PRESERVAÇÃO DOS BANCOS DE GERMOPLASMA A PARTIR DA COSMOVISÃO GUARANI NO PARANÁ<sup>1</sup>

TRABALHO ACADÊMICO (X)  
RELATO DE EXPERIÊNCIA ( )

Luana Cristina de Mello  
Ângela Massumi Katuta

### INTRODUÇÃO

Objetiva-se no presente trabalho apresentar alguns registros dos conhecimentos ancestralmente tecidos acerca da preservação das sementes crioulas a partir da perspectiva Guarani, sobretudo aqueles pertencentes aos subgrupos Nhandeva e Mbyá, que habitam terras que atualmente compõem o estado do Paraná.

Guarani são os povos indígenas, descendentes daqueles que coabitaram este planeta - sobretudo no centro sul do Brasil, leste da Argentina, Paraguay e norte do Uruguay, construindo, a partir de seus modos de existir, conhecimentos ancestrais sobre a fauna e flora dos ecossistemas dessa vasta área. Podemos considerá-los caçadores, coletores e horticultores de floresta, que cultivam valiosos conhecimentos, práticas e técnicas presentes até hoje em muitas culturas tradicionais dessa etnia.

O tema de pesquisa parte da problemática e interesse em compreender como se dá a preservação das sementes nos territórios indígenas da referida etnia, localizados no estado do Paraná.

Esta problematização se faz necessária na medida em que o agronegócio se apropriou da genética de muitas espécies, modificando-as, homogeneizando a alimentação da sociedade envolvente e também dos povos indígenas, restringindo-os e/ou, não raro, interditando-os de cultivar seus alimentos, assim, retirando a segurança e soberania alimentar. De acordo com Nabhan (2009, p. 158)

[...] Quando perdemos agrobiodiversidade, devido principalmente à expansão da agricultura convencional, uma série de prejuízos é lançada, como a dependência econômica dos

---

<sup>1</sup>Trabalho de iniciação científica financiado pelo CNPq.



agricultores junto às empresas produtoras de sementes, agrotóxicos e fertilizantes químicos e a consequente poluição do ambiente, riscos à saúde do trabalhador rural e dos consumidores, além da perda dos saberes populares sobre o cultivo e os usos das variedades crioulas [...].

A história indígena é entendida por muitos de modo bipartido a.B (antes do homem branco) e d.B (depois do homem branco). Povos indígenas tiveram seus costumes alterados a partir do segundo período, depois da invasão promovida pelos não indígenas (homem branco), momento em que a exploração do que denominam de recursos naturais (outros elementos da natureza) tomou conta do ambiente e de parte significativa dos corpos indígenas. Peralta (2022, p. ?) confirma essa afirmação em seu texto intitulado Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani, quando registra o relato de Ñanderu Jorge: “[...] Nós éramos independentes, tínhamos sementes de mbakuku, feijão catador, de todo tipo tinha semente, mas muitas desapareceram com a chegada dos karaí, homens brancos que vieram para colonizar.” (Ñanderu Jorge, Pirakuá, ano?p. 62) Nesse contexto, houve uma incomensurável perda de sementes e, conseqüentemente, dos saberes sobre cultivo e usos de muitas plantas.

Com a revolução industrial por volta da década de 1770, inverteu-se os modos de produção do sistema humano “[...] os objetivos das revoluções industrial e agrícola eram obter um aumento máximo da produção de riqueza material, de forma individualizada, não se atendendo às necessidades coletivas. (Toynbee, 1987; Baltazar, 2017, p. 12)

Este novo sistema de produção capitalista, retirou e/ou interditou as condições de sobrevivência de diversas populações originárias e tradicionais que, até então, coabitavam neste planeta.

[...] no campo, a agricultura tradicional foi profundamente modificada pelo uso de agrotóxicos e sementes transgênicas, nos colocando nas mãos de empresas perversas conosco e com a natureza. Estamos falando de um capitalismo que avançou no sentido de transformar comida em mercadoria e, ao mesmo tempo, nos tem tirado as condições de produção dos nossos alimentos. (Ferreira e Felício, 2021, p. 61).

Ferreira e Felício (2021) chamam a atenção da situação de insegurança alimentar instalada no contexto da agricultura capitalista que transforma o alimento em mercadoria produzida por meio dos monocultivos que, em função de sua expansão territorial, impedem a produção da agricultura tradicional, incluindo-se nelas as roças indígenas, denominada pelos Guarani de *kokue*.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa participativa que, de acordo com Peruzzo (2017, p. 165): “[...] consiste numa investigação efetiva a partir da inserção e na interação do pesquisador ou



da pesquisadora no grupo, comunidade ou instituição investigado.”. Nos identificamos com essa metodologia pois entendemos que a comunidade não é um mero objeto de pesquisa, mas é a detentora de um saber ancestral que, se registrado e retomado, auxilia certamente nos processos de resistência territorial. Por isso, o trabalho foi feito em conjunto e de forma respeitosa pois, desse modo, os povos originários acabam compartilhando seus conhecimentos de diferentes formas, dado que esse processo tem como objetivo o fortalecimento de suas presenças em seus territórios de vida.

Assim como alguns autores afirmam, reconhecemos os povos originários como guardiães e guardiões de sementes e da biodiversidade.

[...] Selecionar plantas e animais mais adaptados às características locais atuais foi um dos maiores legados de sobrevivência e sustentabilidade de nossos antepassados para a sociedade atual. Esse processo de seleção exigiu, milenarmente, muita observação, repetições de plantios, cruzamentos e retrocruzamentos em centenas de milhares de roças que foram cuidadosamente manejadas, representando historicamente uma das maiores riquezas humanas. Atualmente, os maiores responsáveis pela continuidade desse notório e histórico processo de construção da nossa agrobiodiversidade são os camponeses (agricultores tradicionais, assentados da reforma agrária e quilombolas) e indígenas, sábios guardiões da biodiversidade [...]. (Lopes e Kageyama, 2017, p. 150)

É a partir da compreensão exposta que a referida metodologia tem auxiliado nos processos de registro e compreensão dos modos de existência Guarani, cujos conhecimentos elaborados milenarmente em profunda simbiose com a Terra e os entes nela existentes, tem construído a agrobiodiversidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Bevilaqua et al. (2014, p. 102) “[...] Além dos agricultores familiares, populações tradicionais, como quilombolas e indígenas, também são importantes sujeitos na conservação das sementes de cultivares crioulas.”

Estes povos têm realizado a investigação, manutenção, sistematização, seleção e preservação de conhecimentos vinculados às práticas de plantio, desde tempos paleolíticos. Seus conhecimentos foram tecidos a partir de processos de observação, experimentação e investigação dos diversos elementos da natureza. Como afirma Carvalho (2015, p. 20) em seu livro intitulado *Mitos e Práxis: por uma antropologia marxiana*: “[...] devido ao grande conhecimento que esses povos têm de seu meio, dos animais e plantas e das inter-relações entre eles [...]” é importante efetivar processos de registros a fim de que os mesmos possam ser conhecidos e socializados com as novas gerações e sociedade envolvente.

Para compreender os significados efetivos da ação de preservação dos germoplasmas e as dificuldades encontradas para realizar este trabalho que é ser guardião ou guardiã de sementes se



fez necessário rodas de conversas, visitas técnicas às Feiras de Sementes Crioulas Indígenas no Paraná, nos dias 16 e 17 de agosto de 2024, onde, a partir de entrevistas de lideranças indígenas com perguntas geradoras fomos registrando informações relevantes sobre o tema.

Algumas perguntas geradoras foram: Quais sementes vocês guardam no território e por quê? Qual a importância de preservar essas sementes? Como vocês guardam essas sementes? Por que você acha que muitos indígenas guardam sementes mesmo sem ter lugar para plantá-las?

Tanto as perguntas quanto as respostas foram registradas e armazenadas no aplicativo de gravação de voz pessoal da autora.

O trabalho sobre o aprendizado das sementes, a preservação, o entendimento da dimensão sagrada que elas representam para os povos originários é um contínuo sem fim. Perpassa sobre enxergar o mundo a partir de outra visão de mundo, a cosmovisão indígena Guarani, para então ver a natureza e tudo que nela existe com outros olhos, o que pressupõe a elaboração de valores distintos daqueles presentes na sociedade envolvente. Em outras palavras, exige um difícil aprendizado que é ampliar nossa visão de mundo e, não raro, romper com toda uma tradição dos saberes colonizadores eurocentrados que foram historicamente impostos. Uma visão que se contrapõe e, não raro, é anterior ao prisma do capitalismo, como afirma Carvalho (2015, p. 59)

[...] A dificuldade de se estudar certos setores da cultura – as dadas representações religiosas, da medicina popular com suas simpatias e rezas, onde o pensamento mágico parece irromper nas mais contraditórias superstições – está em que estes são justamente os setores mais resistentes às transformações e mesmo transformados o são, de tal modo que a sua compreensão depende de uma verdadeira dialética da lógica, implicando no conhecimento de uma lógica anterior, certamente pré-capitalista.

Segundo o Cacique Reginaldo Alves, da etnia Guarani Nhandewa, entrevistado por ocasião da 10ª Feira de Sementes Crioulas Indígena Ymãu, na Terra Indígena Pinhalzinho, localizada em Tomazina-PR, ocorrida nos dias 16 e 17 de agosto de 2024, as sementes possuem valor sentimental, porque são variedade genética que seus ancestrais cultivavam, esse entendimento evidencia que é também por meio delas que eles conseguem se conectar com seus antepassados. Somado então ao valor sentimental e espiritual, há o entendimento de que elas trazem saúde ao seu povo por não ser uma semente transgênica ou modificada em laboratório. De acordo com informante da pesquisa realizada por Peralta (2022, p. 58), as

Sementes que trazem saúde e vida para nós, desde criança até ficarmos velhos, por isso a importância de cultivá-las para termos alimentos saudáveis, tais como mbojape (milho assado), pamonha, mandioca. Esses alimentos tradicionais, gerados a partir das sementes, fazem com que tenhamos saúde e alegria.



Verifica-se no relato, a relevância das sementes para os Guarani, isso porque, de acordo com Ladeira (2001, p. 176):

Para os Guarani, a agricultura é a atividade estrutural da vida comunitária. Pode-se dizer que, para os Mbya o significado da agricultura se encontra na sua própria possibilidade de realização e no que isto implica: organização interna, reciprocidade, intercâmbios de sementes e espécies, experimentos, rituais, renovação dos ciclos. Desse modo, a agricultura faz parte de um sistema mais amplo que envolve aspectos da organização social e princípios éticos e simbólicos fundamentados antes na dinâmica temporal de renovação dos ciclos, do que na quantidade e disponibilidade de alimento para consumo. (Grifo nosso).

É possível afirmar então que a recuperação e/ou manutenção dos germoplasmas estão intrinsecamente relacionadas com a presença e fortalecimento dos modos de existir dos Guarani, cuja organização social, princípios éticos e cosmovisão estão assentados na renovação dos ciclos, na disponibilidade dos alimentos sagrados para a efetivação dos seus ritos e fortalecimento dos seus corpos e espíritos. É nesse contexto que a recuperação e manutenção dos germoplasmas têm centralidade na medida em que são a condição para retomar e/ou fortalecer conhecimentos sobre os plantios, manejos e a própria cultura alimentar intrinsecamente vinculada à espiritualidade, elemento central nos modos de existência Guarani. Assim, “Pode-se dizer que os Mbya não vivem da agricultura, porém não vivem sem ela. (ISA, s.d., s.p., apud Ravagnani; Katuta e Atab, 2024, p. 4).

A partir das perguntas geradoras: Qual a importância de preservar essas sementes? Como vocês guardam essas sementes? Por que você acha que muitos indígenas guardam sementes mesmo sem ter lugar para plantá-las?”. Obtivemos algumas respostas que dizem muito a respeito da espiritualidade, principalmente ao abordar o milho que, segundo o Cacique Reginaldo Alves da etnia Ava, faz parte da cultura Guarani, indicando conexão com os antepassados (tema da feira de sementes) e, além disso, fortalece a soberania alimentar. A título de exemplo: ele nos informou que guardam sementes de mandioca, batata, feijão, amendoim, para economizar no recurso financeiro, não precisando comprar sementes já que eles as têm guardadas no solo. Importante destacar que na fala do Cacique o conceito de semente é mais alargado, não se referindo apenas a plantas fanerógamas (angiospermas e gimnospermas) mas também a tubérculos.

No ano de 2025, tivemos a oportunidade de retornar à Terra Indígena Pinhalzinho para prestigiar a 11ª Feira de Sementes Agroecológicas Indígenas, realizada nos dias 08 e 09 de agosto. Em momento de conversa com o mesmo Cacique, ele relata a participação da comunidade indígena em um projeto do governo, o Programa de Aquisição de Alimentos Indígena (PAA), onde



indígenas os cultivam e distribuem dentro do próprio território para seus parentes que, por alguma circunstância, não conseguem realizar o plantio de seus alimentos.

[...] Esse ano entramos pro PA indígena, né, que daí é compra e doação pra própria comunidade, então sai beneficiado. Beneficia quem planta e beneficia, por exemplo, os funcionários que não têm tempo de plantar, dá aula o dia inteiro, quem trabalha na equipe de saúde, então é montado o kit e doado pra toda comunidade, aqui dentro mesmo [...]  
(Cacique Reginaldo Alves, 2025)

Verifica-se no relato que a existência de programas governamentais e o acesso aos mesmos, a exemplo do PAA (Programa de Aquisição de alimentos) indígena constitui elemento estratégico que fortalece a segurança e soberania alimentar destes povos, além de proporcionar a oportunidade da continuidade da cultura alimentar local, demandando a constituição e/ou manutenção dos seus germoplasmas.

Muitos indígenas compreendem que a melhor forma de guardar uma semente é plantando-a no solo para que ela continue produzindo flores, frutos, sementes e, assim, nunca morra. Desse modo, eles sempre terão aquela genética em mãos. Lopes e Kageyama (2017, p. 162) destacam a relevância da roça em outro contexto societário mas que, ao nosso ver, também se aplica à realidade dos povos originários: “[...] É na roça dos agricultores que produzem em menor escala, de ordem comunitária, que a agrobiodiversidade é gerada, manejada e amplificada. É na roça que as variedades agrícolas são mantidas como patrimônio da humanidade [...]”

Esses conhecimentos e saberes indígenas foram tecidos durante muitos mil anos, pelos povos identificados como caçadores, coletores e horticultores de floresta. León Cadogan em seu livro intitulado *Ayvu Rapyta: textos míticos dos Mbyá Guarani de Guairá* (1959) no capítulo sobre a agricultura (Cap. XIII, p. 129 et seq.: Agricultura. Semeadura. Obtenção de chuvas. Orações. Ação de graças alimentar. Maturidade dos frutos) registrou: “Milho que se planta na lua nova não prospera. Ao endurecer a espiga, fica cheia de vermes. Por outro lado, ainda que produza bons grãos, logo eles ficam cheios de carunchos. Por essas razões, foi decretado que não se planta milho na lua nova.”<sup>2</sup>

Esses conhecimentos são gerados a partir de observação e interação no e com cada ecossistema, por isso, são diferentes em cada comunidade/território. Assim, se diz que esses conhecimentos ambientais são distintos, sistemáticos e de base local, tendo como referência

<sup>2</sup> Em espanhol: “Maiz que se siembra en luna nueva no prospera. Al endurecerse el cogollo, se llena de gusanos. En caso contrario, aunque produzca buenos granos, éstos se llenan pronto de gorgojos. Debido a estos hechos es que se dispuso que no se sembrara maiz el nula nueva.”



principal a localização de cada povo. Mesmo que estejamos registrando os conhecimentos de uma mesma etnia, a localização geográfica de cada Terra Indígena interfere nos manejos de cada ambiente, na disponibilidade e variedade de espécies de plantas, frutas, fungos, animais e tudo o mais que compõe o ecossistema.

Quando escutamos a fala do Cacique Reginaldo acerca dos usos das sementes, verificamos que, assim como elas são diversas, seu uso também é: uma mesma semente usada para alimentação física também alimenta o espírito, neste caso, o milho branco Avaty Morontĩ, utilizado no feitio do Kauinju.

O trecho da entrevista com o mesmo Cacique, em 2025 na 11ª Feira de Sementes Agroecológicas Indígenas, evidencia esse fato: “[...] A gente faz o kauinju a gente fala né, que uma espécie de canjica, ela tem um processo pra fazer ela, esse kaiunju, ele é sagrado, né, então é o milho é isso né, por causa do kauinju que é um alimento que não é nem um alimento pra carne, é um alimento pro espírito”. (Cacique Reginaldo Alves, 2025) As sementes são vistas não apenas como alimento, mas também como remédio para o corpo espiritual, cada semente tem seu Jara (dono) e seu espírito que cura. Sementes na cosmovisão Guarani são seres vivos, cheias de vida, de segredos e do sagrado (Peralta, 2022, p. 56).

[...] A palavra semente, na língua portuguesa, vem do latim *sementis* e se refere, tanto à semente de um fruto, como a qualquer causa que permita criar algo. Desse modo, o termo semente é aplicado à criação da vida, de um fruto ou de um indivíduo, mas não é utilizado em um sentido estritamente biológico, permitindo entender a origem dos processos vitais e indica que nos ciclos da natureza há sempre uma causa originária, ou seja, um germen. (Peralta 2022, p. 57)

A espiritualidade, a alma da semente, a vida que ela carrega está presente em diversos relatos e literaturas, como aponta Carvalho (2015, p. 20):

[...] devemos ter em mente que os seres e elementos daquilo que chamamos “natureza” em oposição ao mundo humano, são para os caçadores/coletores (e para os que, além disso, são também pescadores e horticultores de floresta) seres dotados de vida, de alma, de inteligência, seres-espíritos que reagem às ações humanas.

Em função desses entendimentos, as sementes são muito protegidas: quando se perde uma semente, diz-se que se perdeu uma vida. O conhecimento das plantas e dos animais dos povos indígenas é muito vasto, pois entendem que cada planta e animal tem uma alma, um espírito (Carvalho, 2015, p. 24).

Na entrevista com o Cacique Reginaldo Alves (2025) também foi possível verificar a presença do entendimento da espiritualidade da semente, presente na cosmovisão Guarani quando o mesmo afirmou: “[...] a espiritualidade ela envolve os três elementos e um deles é semente”.



Percebe-se aqui a importância das sementes para estes povos, como um dos elementos principais da espiritualidade Guarani. Por isso, o cuidado no manejo das sementes é essencial para que elas tenham força para dar a continuidade às vidas: “Para os Kaiowá e Guarani, é imprescindível o cuidado com a semente, pois a semente é que determina a continuidade da vida no planeta. Cuidar desses seres com todo amor, carinho e respeito é o que irá garantir a continuidade da vida nossa e de outros seres.” (Peralta, 2022, p. 58). De acordo com Ladeira (2001, p. 180):

As roças feitas com sementes tradicionais, (avaxi etei, kumanda etei etc.) não produzem quantidade suficiente para atender a toda demanda alimentar das comunidades. Entretanto, somente elas possibilitam a preparação e o cumprimento dos rituais coletivos (o *nheemongarai*, o *tembiu aguyje*) garantindo, além da renovação dos ciclos, a reciprocidade [...] O calendário agrícola e os ciclos da lua condicionam o planejamento das demais atividades sociais e de subsistência da aldeia (visitas entre aldeias, confecção e venda do artesanato, caça). De toda a forma, é após a colheita do milho tradicional Guarani (avaxi etei) que realizam a cerimônia do batismo do milho e das crianças (*nheemongarai*).

Verifica-se que as pesquisas indicam a centralidade das sementes e das roças nos modos de vida dos Guarani, dado que são necessárias para a preparação e o cumprimento dos rituais coletivos que garantem a renovação dos ciclos necessários ao planejamento e realização das atividades sociais, dentre elas, uma das mais importantes é o *Nheengongarai*: o batismo do milho e das crianças. Todas essas práticas sociais pressupõem um conjunto de conhecimentos vinculados aos modos de existir da etnia em tela. O respeito e amor pelas sementes muitas vezes são representados nas rezas e cantos, realizados ao longo do processo de plantio que passa pela bênção das sementes: “[...] Essa bença das sementes que ele fez hoje, ela faz muito tempo, então ela é ancestral por causa disso por causa desse, né a semente é ancestral [...]” (Cacique Reginaldo Alves, 2025).

Peralta (2022, p. 58) registrou em sua pesquisa uma explicação para a bênção das sementes: “Quando rezamos, os donos das sementes vêm nos abençoar, sem eles nós não vivemos. São os jara (donos) das sementes que trazem saúde e vida para nós, desde criança até ficarmos velhos.” Importante destacar que a ideia de dono não é a mesma utilizada pela sociedade envolvente pois não está vinculada à propriedade privada, mas ao cuidado que o “dono” deve ter em relação ao que possui que será usufruído por toda a comunidade.

A bênção das sementes é realizada pelos mais velhos das T.I, o Xamoi e a Xari (ancião e anciã), que também são os guardiões das sementes sagradas. Na bênção com rezas e cantos em Guarani, realizada na 11ª feira de sementes na TI foi utilizada uma vela produzida com cera de abelha sem ferrão - meliponífera, outro elemento da espiritualidade guarani. “Todos os anos realiza-se a cerimônia de batismo e plantio realizada por alguns senhores e senhoras, anciãos e



anciões do nosso povo, onde cantam e rezam durante todas as etapas do manejo e plantio da semente.” (Peralta 2022, p. 59)

De acordo com Ladeira (2001, apud Ravignani, Katuta e Atab, 2024, p. 5): “A agricultura é atividade integradora no tekoa, supondo um estado de identificação de grupos familiares com o lugar, o que permite cumprir um calendário das atividades e os ciclos dos rituais. Pode-se dizer que condiciona e está condicionada à existência do Tekoa.” Mesmo que alguns povos indígenas não vivam da agricultura, as sementes, o plantio, a colheita são parte essencial da constituição destes povos. Verifica-se essa necessidade da agricultura como elemento da vida Guarani quando encontramos informações sobre o batismo das crianças, que é feito junto com o Nhemongaraí, o batismo do milho, ritual onde recebem seus nomes indígenas de Nhanderu que os transmitem ao Xeramoi.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cosmovisão Guarani, o saber fazer constitui a prática social dos membros da comunidade, a relação de reciprocidade atravessa as relações do grupo entre si e com os outros elementos da natureza, materializando o entendimento de “a terra dá, a terra quer” que os povos caçadores-coletores, horticultores de floresta e pescadores tinham/têm ao coabitar com os seres das florestas. Ensinamentos, mitos, remédios feitos com plantas, tempo certo de plantio e colheita são alguns dos saberes construídos desde o paleolítico que foram historicamente aperfeiçoados e até hoje refletem no modo de ser indígena, com seus modos de vida tradicionais que garantiram a continuidade das vidas desses povos e dos ecossistemas em que habitam. O que denominamos de sustentabilidade está no centro dos seus modos de existirem, por este motivo, é essencial o estudo e compreensão desse modo de ser e ocupar o planeta terra.

[...] A importância dos estudos de práticas tradicionais torna-se patente, portanto em dois sentidos: 1º como tentativa de recuperar um saber milenar que marcou as comunidades humanas, que foi responsável pelo seu sucesso e permanência durante a maior parte da história da Humanidade, no momento mesmo em que o capitalismo está pressionando a desintegração das últimas comunidades isoladas, e ao mesmo tempo em que se faz sentir – como única esperança de salvação da própria vida do planeta, e já não tão-só a humana – a necessidade premente de uma política econômica que recoloca no centro de suas preocupações justamente a humanidade como um todo (e não o lucro de uns poucos) [...] (Carvalho, 2015, p. 66)

Ao iniciar os estudos da temática das sementes verificamos que as populações indígenas têm suas particularidades e especificidades, muitas vezes não compreendidas por quem não faz parte de suas comunidades, por isso, a necessidade de registro e estudo que considere a alteridade. Isso porque essas sociedades vêm sendo estudadas há muito tempo por antropólogos e outros estudiosos



cujas interpretações iniciais não correspondiam à cosmovisão dos povos originários pois seus estudos se baseavam em em suas cosmovisões que, não raro, acabavam por se constituir em obstáculos epistemológicos na compreensão do outro. Não poderia ser diferente, porque na segunda metade do século XIX, a maioria dos estudiosos dos assim chamados “povos primitivos” eram antropólogos de gabinete que pouco sabiam sobre as tradições caçadoras, coletoras (Carvalho, 2015, p. 22).

O antropólogo Levi Pereira, citado por Peralta (2022) afirma que as práticas dos povos caçadores-coletores e horticultores de floresta fazia e faz parte de uma construção social forjada por eles próprios, com o auxílio dos seus líderes, a partir de suas necessidades e do ambiente em que viviam: “O mundo Kaiowá é “antinatural”, não se reproduz naturalmente, precisa ser criado e constantemente recriado pela ação inoculadora do xamã, despertando nas plantas, animais, pessoas e formação social a vontade de levantar-se e, levantando-se afirmar sua existência.” (PEREIRA, 2014, p. 228, Peralta 2022, p. 62)

Carvalho (2015) afirma que por muito tempo no âmbito da antropologia não havia registros sobre a reprodução das sementes, da fauna e flora, justificando que possivelmente, no caso da agricultura esse processo fosse muito óbvio e não tenha chamado grande atenção dos estudiosos. Na nota de rodapé 13 da mesma obra escreve: “É raro encontrar na literatura etnológica pormenores sobre o acesso às sementes’ [...]” (Carvalho, 2015, p. 73), evidenciando a existência de desafios nesse campo de estudos.

Atualmente, apesar de existirem materiais que dialoguem com a questão da manutenção e retomada dos germoplasmas pelos povos originários, esse assunto ainda é fonte de muitos estranhamentos pois não somos indígenas e vemos o mundo a partir da lógica eurocêntrica, o que dificulta o entendimento desde a perspectiva dos povos originários, sobretudo da dimensão do sagrado que existe na ação de ser guardião e guardião de sementes. Contudo, mesmo entre os próprios indígenas, sobretudo a juventude, se discute a necessidade de que ela possa se apropriar dos conhecimentos em pauta, a fim de manter os modos de vida dos seus ancestrais fortalecendo seus processos de resistência em seus territórios, é neste contexto que a educação escolar indígena deve ser materializada.

A educação escolar indígena possui elementos emancipatórios, pois está baseada em seus costumes e cosmovisão, organizando mecanismos de não apagamento dos valores ricos de



sabedoria ancestral, seja por meio do registro e/ou socialização dos conhecimentos dos anciãos em torno das sementes, dos plantios e consumo dos alimentos sagrados. Para Baniwa (2019) em seu livro Educação Escolar Indígena no século XXI: encantos e desencantos “[...] a qualidade da educação escolar indígena implica pensar uma educação específica, diferenciada e própria, que atenda as necessidades e demandas das crianças e jovens indígenas [...]” (Baniwa, 2019, p. 264). A escola pode ser este lugar de preservação e manutenção da ancestralidade, costumes e valores destes povos e, neste contexto, também pode auxiliar a registrar e disseminar os saberes dos povos originários em torno da manutenção de suas sementes sagradas.

Na Terra Indígena onde Reginaldo Alves é o Cacique, a comunidade e a escola trabalham juntas para garantir a continuidade dos saberes indígenas vinculados ao plantio. Em entrevista, realizada no ano de 2025 na 11ª Feira de Sementes Agroecológicas Indígenas, ele diz que levam a sério a caminhada escolar dos estudantes a fim de fortalecer sua politização para que sejam agentes de transformação dentro da comunidade:

[...] A escola trabalhou isso. Aí teve uma aluna que chegou no pai: “Pai, nois ta aprendendo a fazer agrofloresta, eu queria que o senhor fizesse uma pra nois aqui” e o indígena dificilmente vai falar “não” pro filho. E ele construiu um pedaço pra ela lá, preparou o terreno, produziu, quer ver, esse aqui mesmo, ele tem o próprio sistema agrofloestal dele, no terreiro da casa dele. Então a gente vê essa conscientização indo...ele pega muda, leva, planta, vai pros intercâmbio ele traz, planta, ele é um guardiãozinho [...] (Cacique Reginaldo Alves, 2025)

As feiras de sementes nos territórios, organizadas juntamente com as escolas indígenas fazem parte dessas estratégias. Na comunidade do Cacique Reginaldo os estudantes mostram seus trabalhos produzidos ao longo do ano e se encontram com outros povos indígenas de diferentes aldeias tendo a oportunidade de fortalecer os laços e a luta, fazer a troca de sementes e de saberes.

Em diversos territórios indígenas é possível verificar que na luta por terra e território a necessidade de sementes para a garantia da continuidade do modo tradicional indígena de coabitar o planeta acaba emergindo no processo. A Terra e a semente fazem parte de uma luta e resistência histórica desses povos.

As estratégias de proteção e resistência nos territórios são diversas e adaptadas às realidades locais. Para além do resgate das sementes, na terra indígena de Pinhalzinho, por exemplo, o Cacique relata que foram contemplados em um edital que fortalece a segurança do território.

[...] Um projeto com a Itaipu Binacional também, de trezentos e cinquenta mil, que é pra proteção do bioma daí, não do bioma, proteção da Fauna Silvestre, porque aqui nois tem



dois animais com risco de extinção, que é o Lobo Guará e o Tamanduá Bandeira, e o Tamanduá Bandeira a gente vê muito fácil o Lobo Guará não e como tinha que escolher um animal pra aprovar o projeto, escolhemo o Tamanduá Bandeira e aí que vai fazer todo trabalho de vigilância, que aí vai ter drone, câmera de vigilância, caminhonete, rifle, pra, rifle tranquilizante, drones e tudo isso, né, que a gente vai ter pra fazer o monitoramento mesmo, tanto dentro das Terras Indígenas como no redor porque vai ter que ter um território de proteção pra esses animais, aí força, os fazendeiros por exemplo, preservar a mata ciliar. [...] (Cacique Reginaldo Alves, 2025)

Trata-se de uma demonstração da articulação dos povos que também são sementes e que estão buscando melhores condições de existência para si e para o ecossistema em que vivem. Este edital não representa apenas investimento financeiro na comunidade, demonstra que existem ações coletivas em torno da luta pela valorização das memórias, das práticas sociais em torno da manutenção e/ou retomada de suas sementes, roçados, alimentos e conhecimentos que necessários à recuperação socioterritorial e restauração socioecológica, demonstrando que as lutas indígenas são construídas a partir de diferentes estratégias e frentes, todas elas importantes no fortalecimento do Nhandereko, ou seja, o modo Guarani de ser e viver.

**Palavras-chave:** Guarani; Sementes; Território; Cosmovisão; Preservação.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Reginaldo (Cacique). 10ª Feira de Sementes. Entrevista concedida a Luana Cristina de Mello, 2024.
- ALVES, Reginaldo (Cacique). 11ª Feira de Sementes. Entrevista concedida a Luana Cristina de Mello, 2025.
- BANIWA, G. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019. 296p.
- BEVILAQUA, G. A. P. et al. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan./abr. 2014.
- CADOGAN, L. **Ayvu Rapyta** - Textos míticos de los Mbyá Guarani del Guairá. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 227, 1959. 225p.
- CARVALHO, S. M. S. **Mitos e Práxis: por uma antropologia marxiana**. São Paulo: Terceira Margem, 2015. 268p.
- COSTA, M. B. B. da. **Agroecologia no Brasil: histórias, princípios e práticas**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.



FERREIRA, J.; FELÍCIO, E. **Por terra e território: caminhos para a revolução dos povos do Brasil**. Aratca Bahia: Teia dos Povos, 2021.

LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-mbya: significado constituição e uso**, 2001. Tese de Doutorado em Geografia Humana – FFLCH/ Universidade de São Paulo – USP.

LOPES, P. R.; KAGEYAMA, P. Y. **Importância da agrobiodiversidade: conservação on farm ou conservação na roça?** In: SORRENTINO, M.; RAYMUNDO, M. H. A.; PORTUGAL, S.; MORAES, F. C. de; SILVA, R. F. da (Orgs.). *Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis*. Piracicaba, SP: MH-Ambiente Natural, 2017. 149p.

PERALTA, A. **Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani**. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade). Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, Dourados, Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, 2022. 94p.

PERUZZO, C. M. K. **Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação**. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas Época III, Colima, V. XXIII. Número Especial III, p. 161-190, 2017.

RAVAGNANI, M. C.; KATUTA, Â. M.; ATAB, M. C. R. **Nhanhoty (vamos plantar): a agricultura Mbyá Guarani, seus ciclos e ritos vão além da subsistência, são parte de sua re-existência**. Cadernos de Agroecologia – Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 1-7, 2024.

TEIA DOS POVOS. **O encantamento de uma guardiã**. YouTube, 20/06/2025. Disponível em: [https://youtu.be/KjNedMcW2iI?si=L7EFWtjvzc\\_OJjeA](https://youtu.be/KjNedMcW2iI?si=L7EFWtjvzc_OJjeA). Acesso em: 12 de novembro de 2025.

TEIA DOS POVOS. **Sementes teimosas contra sementes da morte**. YouTube, 09/11/2025. Disponível em: <https://youtu.be/j9whNbfLOoM?si=BehNDDEvRQpz66J7> . Acesso em: 12 de novembro de 2025.

TEIA DOS POVOS. **A Semente e a Reza**. YouTube, 11/11/2025. Disponível em: [https://youtu.be/uZJ5YbuI2Q4?si=PBR36nOCEeGa\\_yhT](https://youtu.be/uZJ5YbuI2Q4?si=PBR36nOCEeGa_yhT). Acesso em: 12 de novembro de 2025.